

Relato sobre a Copa do Mundo: os deslocamentos pela cidade em dias de jogos

Carolina Gontijo Lopes



Publisher

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Electronic version

URL: <http://pontourbe.revues.org/2409>

DOI: 10.4000/pontourbe.2409

ISSN: 1981-3341

Electronic reference

Carolina Gontijo Lopes, « Relato sobre a Copa do Mundo: os deslocamentos pela cidade em dias de jogos », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 31 Dezembro 2014, consultado o 04 Outubro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/2409> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2409

This text was automatically generated on 4 octobre 2016.

Relato sobre a Copa do Mundo: os deslocamentos pela cidade em dias de jogos

Carolina Gontijo Lopes

- 1 Entre as questões enunciadas pela mídia e aquelas decorrentes da experiência brasileira em sediar megaeventos, questiona-se como seria o deslocamento dos torcedores durante a *Copa do Mundo* de 2014. Os jornais, durante todo período anterior ao evento, apresentaram grandes problemas e preocupações, como exemplo, questionaram os próprios planos de mudanças urbanas propostos pelos governos e pela *Federação Internacional de Futebol* (FIFA). Foram frequentes as notícias que buscavam prever como seriam os deslocamentos dos estádios de futebol aos aeroportos, ou às regiões hoteleiras ou aos espaços de lazer.
- 2 O distanciamento desse tipo de atividade turística a nível nacional frente às difusas e confusas informações midiáticas ampliou as sensações duvidosas da população quanto ao que iria acontecer entre os meses de junho e julho de 2014. As reportagens sobre os deslocamentos na Copa envolviam diferentes questões como: a incapacidade dos aeroportos brasileiros; o ineficiente transporte público municipal das cidades sedes; e as incertezas geradas pela implementação de “trem-bala”, “monotrilho”, “trólebus” e “VLT”¹. Enquanto em São Paulo, duas situações singulares motivaram meu relato sobre os deslocamentos dos cidadãos no dia da abertura da Copa do Mundo nessa metrópole. São elas: a escolha da implementação do estádio-sede da Copa na região leste da cidade; e a greve dos metroviários no mês de junho.
- 3 Ao sediar a abertura da Copa do Mundo, a Zona Leste suscitou conflitos urbanos entre torcedores e território. O deslocamento em massa de uma elite brasileira, os torcedores que assistiriam aos jogos dentro do estádio, a um território que cotidianamente ela não frequenta e até mesmo evita percorrer, constitui um dos fatores geradores desse conflito. A zona leste, também conhecida como “ZL”, é um território que apresenta altos índices de vulnerabilidade social e possui as maiores aglomerações habitacionais do município. Tal

configuração social incide na paisagem local gerando uma imagem de insegurança, violência e marginalidade. A aproximação desses torcedores com essa imagem de lugar, além de outras disputas em torno da escolha do estádio sede da abertura da copa, gerou especulações, principalmente pelas mídias, acerca da eficiência do transporte nesse dia².

- 4 Por outro lado, na semana anterior a abertura da Copa no Brasil, em São Paulo, quando se iniciou a greve dos metroviários, a sensação que se expandiu é a de que: “Não vai ter copa!”. As dificuldades em circular pela cidade ocasionaram naquele período muitas incertezas aos moradores da cidade, ao poder público e aos próprios gestores da Copa. As especulações em torno da Zona Leste e as incertezas geradas, mediante as possíveis consequências desse movimento por melhores condições trabalhistas, instigaram essa imersão em direção ao deslocamento das pessoas nos possíveis percursos para assistir a abertura da Copa em Itaquera.

De casa à Estação da Luz

- 5 No dia 12 de junho de 2014, saímos de casa, eu e Paul³, ao meio-dia, em direção ao *Itaquerao*. Almoçamos nas proximidades do Largo da Batata, em Pinheiros, onde os bares locais já mudavam as disposições de mesas, cadeiras e televisores para receber os torcedores interessados em ver o jogo. Tais mudanças não me impressionaram, visto que é frequente acontecer essas alterações em outras Copas.
- 6 Pegamos o metrô na Estação Faria Lima por volta das 12:30. Ali comecei a perceber: A copa era no Brasil! E o jogo era em São Paulo! Nos guichês havia grandes filas e a maioria das pessoas estava vestida com a camiseta amarela da seleção brasileira.



Figura : Torcedores no saguão de entrada do metrô, na Estação Faria Lima no dia 12 de junho de 2014.

Fonte: da própria autora

- 7 Dois fatos que diferenciam do cotidiano e definem o início da Copa na minha observação são as filas grandes de pessoas indo passear e o uso da camiseta da seleção. As pessoas que usam cotidianamente o metrô naquela estação e naquele horário passam rapidamente pelo saguão e em ritmo de trabalho, bem como vestem roupas de trabalho.
- 8 Logo após passar pelas catracas na Estação Faria Lima uma fila formada por seguranças do metrô também indicou o começo da Copa. Usualmente ao passar pelo saguão não se depara com tantos seguranças de prontidão, mas pode-se entender que, tanto pela Copa, como pelos últimos tumultos ocasionados no metrô da cidade, a vigilância do local deveria ser alterada.



Figura Seguranças no saguão de entrada do metro na Estação Faria Lima no dia 12 de junho de 2014.
Fonte: da própria autora

- 9 Entramos no vagão do metrô e seguimos pela linha amarela juntamente com outros torcedores brasileiros. Na primeira parada, Estação Paulista, entraram muitas pessoas e ali já comecei a identificar os estrangeiros, como argentinos, colombianos, e ainda, os brasileiros que entrariam ou não no estádio. Durante o percurso, no próprio vagão já havia interação entre pessoas de diferentes lugares que se juntavam para fazer fotos e se conhecer. A princípio eram argentinos com argentinos, argentinos com colombianos, colombianos com colombianos, e por fim, os brasileiros entraram na brincadeira e também fizeram fotos.
- 10 Nesse ritmo de descontração, seguimos pela linha amarela do metrô até a Estação da Luz. Percebemos que algumas pessoas desceram na Estação da República, mas somente mais tarde entendi que eram as que iriam entrar pelo portão oeste/norte do estádio. Estava tão entusiasmada com as brincadeiras no vagão que acompanhei o maior fluxo sem questionar para onde estavam indo e acabamos assim tendo acesso apenas ao portão leste/sul.
- 11 Íamos assistir ao jogo no entorno do estádio do Itaquera junto da pesquisadora Letícia, entretanto, mudamos a rota porque decidimos seguir com o “Expresso Copa” que forneceu acesso apenas à Estação Itaquera, portanto, não tínhamos acesso livre pela rua à Estação Arthur Alvim que levava aos portões leste/sul, onde estariam os outros pesquisadores. Repensamos nossos planos e decidimos conhecer um canal de acesso ao estádio, depois voltaríamos para assistir ao jogo na *Fan Fest* no Vale do Anhagabaú e em um bar próximo, e ao final, passar pela Estação da Luz. Assim, seria possível acompanhar os torcedores que utilizariam o “Expresso Copa” para ir e voltar do estádio, bem como o fluxo de pessoas no seu entorno.

- 12 A Estação da Luz, que se localiza na área central de São Paulo, foi responsável pelo embarque e desembarque do “Expresso Copa”. Para elaboração do nosso trajeto escolhemos a Luz como referência, principalmente, por pertencer ao percurso oficial do evento e pelo reconhecimento da história dessa área central paulistana. Usualmente são as classes populares que circulam por essa região estigmatizada como “cracolândia” pelo uso do crack nas ruas e a qualquer momento do dia⁴. Tais fatores despertaram o nosso interesse em observar esse encontro entre as histórias de um lugar e as passagens de torcedores em um momento único.

Da Luz à entrada permitida aos torcedores com tíquetes

- 13 Ao descer na Estação da Luz, quase às 13h30, notamos um encontro muito grande de pessoas, em sua maioria vestidas com a camiseta da seleção brasileira e seguindo para o “Expresso Copa” da CPTM. À medida que aproximava da plataforma do trem as pessoas se animavam, ouvia-se as vuvuzelas e as músicas de torcidas, via-se as trocas de olhares entusiasmados e o encontro de muitos com o espaço desconhecido, que até, muitas vezes, acabava-se ficando despercebido.
- 14 Observei que esse percurso, para além do momento específico da Copa, cotidianamente é realizado pelos moradores da Zona Leste que seguem sentido Itaquera. Ao notar um momento de inversão, ou seja, pessoas que em sua maioria nunca estiveram nesta plataforma e seguindo esse sentido, resolvemos ficar na Estação e olhar a chegada de cada torcedor individualmente, em grupo de amigos, em família, torcedor brasileiro de São Paulo e das outras regiões, torcedor estrangeiro da América Latina e dos outros continentes.



Figura Torcedores seguindo da linha amarela para o trem “Expresso Copa” na Estação da Luz
Fonte: da própria autora

- 15 A grande, ao subir pela escada rolante e sair na estação, se admirou com tanta beleza, era nítido que o olhar de estranhamento não era apenas para o momento da Copa, também envolvia entrar na Estação da Luz e seguir em um trem sentido Itaquera. O clima era de festa na Estação da Luz, ocupada em sua maioria por torcedores, para tanto, não se via os frequentadores cotidianos.
- 16 Neste momento de encontro dos torcedores com a estação há uma nítida ressignificação deste lugar. Mesmo que num tempo restrito, ou seja, apenas no período da Copa, a circulação na plataforma, nos corredores e nas escadas rolantes da estação de trem ignorou os sentidos negativos daquela região. Foi único poder ver as crianças identificando o espaço, muitas certamente não sabiam andar de trem e talvez, ainda não conheciam aquele transporte coletivo. Já as mães, ciente de certos significados do andar de trem no Brasil, ficavam imensamente preocupadas com os filhos e, ainda mais, em meio a muitos torcedores e na Luz.
- 17 Entretanto, essa troca entre espaço da população mais pobre com a população mais rica envolveu alguns conflitos para além do estranhamento entre alguns torcedores com o espaço e com a festa. Estava bem cheio o vagão, não era possível andar de um lado para o outro, mas era possível não se encostar em outro passageiro. Observei que a minoria no vagão era de moradores de Itaquera que seguem nesse sentido cotidianamente. Eles não faziam parte dos torcedores que iriam até o estádio ou ao seu arredor para participar da festa, e sim, estavam indo para casa.
- 18 No vagão do “Expresso Copa”, ficamos próximos à porta e foi ali que identifiquei esses dois moradores de Itaquera. Um rapaz entre 18 e 24 anos e uma mulher entre 30 e 35 anos. Durante o percurso, ele encostou na porta do trem e ficou mexendo em seu celular, enquanto a mulher foi de costas para o interior do trem, com o rosto praticamente colado no vidro da porta e não interagiu. Entre esses dois nativos havia uma turma de moças que iriam ver o jogo dentro do estádio. Elas, com idade entre 20 e 24 anos, vestidas com camisetas da seleção, fizeram todo o percurso conversando entre si e ignorando o entorno. Até mesmo observei que houve alguma troca do rapaz com elas, mas a conversa não foi longa.
- 19 A ocupação do “Expresso Copa” possuía similaridades com um ônibus particular de turismo. A atitude *blasé*⁵ que muitas vezes está presente entre os passageiros de transporte público era inexistente, o clima era de descontração entre os passageiros que iam se divertir dentro do estádio. E os nativos observados, não somente seguiram sem muita interação, como não foram vistos pelas pessoas que ali se reconheciam, trocavam e brincavam entre si. O trem andava e cada vez mais parecia que as emoções da Copa nas pessoas superavam as preocupações com a “ida a Zona Leste”.
- 20 O percurso a pé da Estação Itaquera até os portões leste/sul do estádio era um caminho único a ser seguido, sem acesso aos bares e a população do entorno do estádio. Caso sássemos desse canal, não poderíamos voltar sem apresentar o tíquete para o jogo. Apenas os moradores locais entravam e saíam no canal por portões especiais de acesso.
- 21 No canal de acesso ao estádio o fluxo de pessoas alterou-se bastante, quanto mais próximo ao horário do jogo, menos pessoas com tíquetes passavam. A imagem da figura 4 foi realizada um pouco antes do início do jogo e a maioria das pessoas presentes na fotografia não entraram no estádio. Ao permanecer nesse canal de ligação entre o “Expresso Copa” e os portões de acesso Leste/Sul, observei dois tipos de torcedores: aqueles que passavam e

iam diretamente para a festa dentro do estádio e aqueles que passavam, retornavam e ficavam na festa no entorno do estádio.



Figura Torcedores no canal de acesso ao Estádio do Itaquera.

Fonte: da própria autora

- 22 Dos torcedores que seguiam para entrar no estádio, muitas vezes, paravam e faziam fotos com aqueles que estavam mais próximos ou no seu caminho. Entretanto, nesse percurso do canal, o momento de tirar fotos juntos, cantar músicas em diversos idiomas e descobrir um pouco mais do outro foi uma experiência que envolvia muito mais as pessoas que não entraram. Muitos torcedores foram para aquele canal para ver pessoas diferentes, se sentir próximo a Copa, aparecer na televisão, ver de perto o que é essa festa e tantas outras motivações, como a minha: chegar o mais perto possível do Estádio do Itaquera no dia da abertura da Copa.
- 23 Andamos até o portão em que uma voluntária pronunciava: “Tíquetes na mão para seguir!”. Voltamos e achei estranho, vi que outras pessoas foram além daquele ponto, mesmo sem entradas. Na dúvida, perguntei a um policial que informou ser possível chegar até o estacionamento, mas existia a possibilidade da regra ter sido alterada no decorrer do dia e ao final da nossa conversa, sugeri: “tenta ir, vai que consegue passar pela primeira checagem de tíquetes e ir até ao estacionamento”. A sugestão foi bem interessante por ser do policial, mas mesmo com ela, não conseguimos passar pela primeira barreira.
- 24 Ficamos duas horas nesse local, vimos muitas práticas diferentes e interações das mais diversas formas. Destacando-se os grupos de imigrantes do Haiti e Perú, ambos passaram pelo canal em grande quantidade, levando suas bandeiras e fazendo muitas fotos.



Figura Torcedores haitianos e peruanos posando para foto.

Fonte: da própria autora

- 25 A figura 5 mostra o local onde permaneceram. Nessa extremidade do canal, os imigrantes aos poucos foram se estabelecendo, muitos não se conheciam e nem mesmo falavam o mesmo idioma, mas ficavam ali e juntos. O portão de acesso ao estádio já não permitia subir até o estacionamento e nesse lugar ficamos sem grandes preocupações e identificamos algumas práticas do *outro*.
- 26 Aos poucos observei que alguns jovens que estavam sozinhos e muitas vezes, não se juntaram ao nosso lugar, principalmente aqueles do sexo masculino e, em sua maioria, negros, eram convidados a se retirar da festa no canal. Em alguns momentos os policiais pediram de forma bem sutil e em outros, principalmente em grupos maiores, eram expulsos de maneira menos velada.
- 27 Aos poucos percebemos que nesse local não se assistiria ao jogo, por isso resolvemos seguir em direção a *Fan Fest* no Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo.

Os sem-tíquetes no sentido Fan Fest / Vale do Anhangabaú

- 28 O Vale do Anhangabaú recebeu as instalações da *FIFA Fan Fest*. Essa infraestrutura, realizada pela primeira vez na Copa do Mundo na Alemanha de 2006, tem o intuito de reunir pessoas para assistir aos jogos da Copa. A instalação envolveu uma grande área cercada, com uma estrutura de palco, um telão e portões de entrada e saída das pessoas. Além de assistir às partidas de futebol, aqueles que passavam pelo local também poderiam assistir a shows musicais. O evento era gratuito, mas na entrada havia uma revista das pessoas que limitava o porte de bebidas alcóolicas, garrafas, *coolers*, fogos de artifício, capacetes, armas, *sprays*, artefatos explosivos e outros objetos similares. Aberto das 10 até 24 horas, o local possuía policiamento intenso e apenas os patrocinadores podiam vender seus produtos.



Figura Torcedores assistindo ao jogo na *Fan Fest* no Vale do Anhagabaú

Fonte: da própria autora

- 29 Ao chegar, percebemos a revista realizada pelos seguranças privados no portão de entrada. Observei que algumas pessoas retornaram por transportar objetos proibidos, entretanto, nós não tivemos o mesmo problema. Passamos pela revista e por uma grande multidão de pessoas e fomos em direção ao telão, ou melhor, em direção aos espaços mais vazios. A partida acabava de começar e a única área mais vazia, não permitia ver a tela por inteiro. Ficamos todo o primeiro tempo, nós e muitos outros, assistindo ao jogo pela metade porque havia árvores que cobriam a tela.
- 30 Durante o primeiro tempo, observei que algumas pessoas estavam ali pela festa, para encontrar e conhecer outras pessoas, enquanto outras queriam ver o jogo e não conseguiam. Entre aqueles que buscavam ali a sociabilidade era possível ver novamente muitas trocas entre os estrangeiros e os brasileiros, mesmo sem haver um idioma em comum. Um grupo de adolescentes, jovens moças com idade entre 16 e 18 anos, chamou a atenção pelo interesse em saber de um escocês onde se localizava seu país, como era sua língua e outros costumes. Uma conversa que a princípio ocorreu pela paquera, aos poucos as curiosidades entre ambos, levou a muitas revelações que não somente as jovens desconheciam, como também o próprio rapaz. Ao final desse encontro, fizeram fotos e continuaram a conhecer outras pessoas.
- 31 Enquanto aqueles que queriam ver e estavam no local onde o telão inviabilizava a visão, ao final do primeiro tempo, saíram do local e foram para outros lugares. Novamente enfrentamos outra fila para sair do local juntamente com outras pessoas que não se identificaram com essa forma de assistir os jogos no *FIFA Fan Fest*.

Da Fan Fest ao botequim na Praça da Sé

- 32 Da *Fan Fest* fomos em direção a Estação de metrô Sé em busca de um local para continuar acompanhando o jogo. Paramos em um bar na Praça da Sé que estava bem vazio e onde, durante o segundo tempo, chegaram tantos torcedores, que impediam a circulação na rua. Como estavam vazias, tal fato não acarretou nenhum problema.



Figura Torcedores assistindo ao jogo em um bar na Praça da Sé.

Fonte: da própria autora

- 33 Sentamos em uma mesa que aos poucos se tornou coletiva. As pessoas começaram a se sentar juntas, mesmo sem se conhecer, à medida que chegavam outras ao bar. Nós dividimos a mesa com uma moça e um senhor, não houve muita conversa apenas comentários sobre o jogo. Ali todos ficaram em silêncio vendo e ouvindo a partida, em alguns momentos ouvia-se reclamações e via-se as caras de espanto. Em certo momento do jogo, até mesmo um ônibus que circulava durante a partida parou ao lado do bar e o motorista ficou vendo o jogo. Ao final da partida, o local esvaziou rapidamente. As pessoas que ali estavam foram em direção a estação de metrô e nós também.

O retorno para casa

- 34 Ao final do jogo na Praça da Sé, fomos correndo para estação da Luz de metrô para observar o fluxo dos torcedores que retornavam do estádio. Queríamos ouvir se vinham cantando e comemorando a vitória, se viriam rápido, ou não, e dentro do possível identificar quem eram as pessoas que assistiram a abertura da Copa dentro do estádio.



Figura Torcedores na estação da Luz retornando para casa após o jogo.

Fonte: da própria autora

- 35 O sentido inverso continua, agora vêm do Itaquera os torcedores que assistiram ao jogo dentro do estádio e vão para o Itaquera as pessoas que assistiram ao jogo no centro da cidade, ou mesmo, apenas retornavam do trabalho. O corredor do metrô na Luz viveu um momento de encontro muito diferenciado, torcedores do estádio e torcedores da cidade se encontraram e não se tocaram. Separados por fortes grades de ferro, ambas as multidões passaram pela Luz, mas cada um do seu lado e no sentido de sua casa.
- 36 A primeira família que passou no sentido Itaquera-Luz causou muito espanto. Havia uma criança, uma mulher, homens e 4 seguranças negros e bem grandes. Passaram rapidamente pelo corredor do metrô no sentido dos pontos de táxi; não os acompanhei, mas pelo horário que passaram por nós é possível dizer que saíram mais cedo do estádio,

antes do término do jogo. Seguindo, começou a aparecer um volume maior de torcedores em ambos os sentidos e ao contrário do esperado, fizeram um grande silêncio.

- 37 Os torcedores em ambos sentidos voltavam para casa após a vitória do Brasil sobre o time da Croácia. Não havia cantos, nem versos e gestos comemorativos, a passos largos e, muitas vezes, rápidos que apenas demonstravam o retorno para casa.
- 38 De um lado, identifiquei o fluxo de torcedores que voltavam de um dia de lazer e do outro, o fluxo era de torcedores-trabalhadores que voltavam de um dia trabalho com horário reduzido para assistir ao jogo. O deslocamento do primeiro envolveu sair cedo de casa indo em direção a Itaquera e depois o retorno ao final do dia. Os incluídos nesse percurso para participar desta prática de lazer representam uma minoria da população, enquanto o deslocamento no sentido contrário, daqueles que saíram cedo de Itaquera sentido Luz e voltam da Luz, ao final do dia, sentido Itaquera é maioria e fazem isso cotidianamente. Enquanto o segundo grupo contou com uma redução na frota de transporte público para se deslocar durante o jogo, fato este que prejudicou o cotidiano do seu trabalho, o primeiro teve preferência no deslocamento para realizar sua prática de lazer.

Algumas reflexões finais

- 39 A experiência de observar os deslocamentos durante a abertura da Copa na cidade de São Paulo identificou contradições, conflitos e formas de sociabilidades não cotidianas. Esses deslocamentos refletem o cenário de desigualdade social da sociedade brasileira em um contexto de megaevento internacional. Ao mesmo tempo em que na *Fan Fest*, nos bares, nos arredores do estádio as sociabilidades entre as pessoas quebravam barreiras sociais, ao entrar no “Expresso Copa” e nos corredores e saguões da estação da Luz a segmentação é evidenciada. Compreendo os significados da Copa do Mundo na vida cotidiana dos torcedores que preparam sua casa para receber amigos, ou se encontram em bares, ou trocam figurinhas ou fazem suas apostas, e tantas outras práticas de lazer em torno desse evento, entretanto, não corroboro com os processos de espetacularização do futebol promovidos pela Copa do Mundo.

BIBLIOGRAPHY

FRÚGOLI JR., Heitor. 2012. “Dossiê Luz, São Paulo, Introdução”. Ponto Urbe v.11.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. “Etnografia como prática e experiência”. *Horizontes Antropológicos* n. 32, pp. 129-156.

SIMMEL, Georg. 1997 [1903]. “A metrópole e a vida do espírito”. In: C. Fortuna (Org), *Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia*. Celta: Oeiras. pp. 31-44.

TOLEDO, Luiz Henrique. 2012. “Notícias de Itaquera: questões urbanas em torno do espetáculo futebolístico”. 36º ANPOCS, Águas de Lindóia, outubro de 2012.

NOTES

1. Os referidos transportes públicos e coletivos foram algumas das políticas públicas propostas anteriores a Copa para garantir com segurança o tráfego de pessoas e cargas durante o evento, nem todas foram alternativas elaboradas para todas as sedes do evento e algumas ainda, não se efetivaram.
 2. O trabalho de Luiz Henrique de Toledo (2012) que apresenta um relato sobre a construção do estádio em Itaquera mostra narrativas de atores sociais envolvidos nesse processo. Dentre eles é relevante para minha observação relatos que repudiam a construção do estádio em Itaquera alegando problemas de deslocamento em dias de jogos.
 3. Paul Hecker é pesquisador com interesse no trabalho informal e nos processos de formalização do trabalho no Brasil.
 4. Maiores informações da região da Luz encontram-se no “Dossiê Luz”, organizado pelo professor Heitor Frúgoli Jr. (2012).
 5. A atitude blasé é uma das categorias que Simmel (1903) define para debater a condição de vida nas metrópoles. Resultante da metropolização, a atitude blasé se constitui da “incapacidade de reagir a novos estímulos com as energias adequadas” (Simmel 1997 [1903]: 35).
-

ABSTRACTS

Em março de 2014 o NAU - Núcleo de Antropologia Urbana da USP - São Paulo, propôs incursões etnográficas com a finalidade de acompanhar a Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Cada pesquisador (a) que integrou a proposta fez incursões pela cidade de acordo com seu interesse de pesquisa e assim, alguns(mas) agiram individualmente e outros (as), em duplas, trios e grupos. No momento, como pesquisadora visitante integrei-me à proposta com intuito de observar os deslocamentos dos cidadãos no dia da abertura da Copa do Mundo em São Paulo. As reflexões das (não) regularidades dessa prática em dia de megaevento me levaram a escrever o seguinte relato. Acompanhei o deslocamento de cidadãos que iriam assistir ao jogo dentro do estádio do *Itaquerão* e também, daqueles que ficaram fora dele. Minha experiência etnográfica manteve o foco nos percursos daqueles que assistiram ao jogo dentro do *Itaquerão*; o contraponto do relato é constituído pelo deslocamento daqueles que assistiram ao jogo fora do estádio, ou seja, que realizaram o percurso como o *outro*.

In March 2014 the Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) proposed short ethnographic study trips to the Football World Cup in Brazil. Each researcher that took part in this proposal made short trips through the city in accordance to his or her research interest and thus, some made individual trips and others went on in doubles, trios or groups. At the moment, as a visitant researcher I took part in this proposal with the intuition of observing the differences in transportation and locomotion of the city's inhabitants on the day of the World Cup opening in São Paulo. Reflecting on the practices (none) regularities during a mega event lead me to write this report. I accompanied the locomotion of the audience that would watch the game inside the *Itaquerão* Stadium on their way to the premise as well as of those that stayed outside. My ethnographic experience maintained its focus on the trajectory of those who watched the game

inside the *Itaquerão*; the report's counterpoint consists of the locomotion of those who watched the game outside the stadium, that is, who realized the trajectory as the other.

AUTHOR

CAROLINA GONTIJO LOPES

Doutoranda em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas

Centro de Estudos Sociais (CES) - Universidade de Coimbra (UC) carolinalopes@ces.uc.pt